

ANÁLISE HISTÓRICA-CULTURAL DA SIGNIFICAÇÃO DE SEXO, GÊNERO E FEMINISMO NA LUTA CONTRA PARADIGMAS SOCIAIS

Larissa Hermes Heck¹

Taynara Stefani Schmitz²

Sumário: 1 INTRODUÇÃO. 2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DE SEXO E GÊNERO. 3 O PAPEL DO FEMINISMO NA QUEBRA DE PARADIGMAS. 4 CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.

Resumo: O presente artigo científico visa ponderar acerca das desigualdades existentes entre os gêneros, os quais estão interligados a conceitos estigmatizados e dominadores. No intuito de apontar e descrever a narrativa histórica acerca das ideologias masculinas de sexo e gênero, bem como os efeitos positivos da revolução feminina para o combate e superação de tais tabus patriarcais. Parte de um estudo inicial sobre desigualdade de gênero dominação masculina e discursos homogeneizadores modernos para compreender as contrariedades envolvendo a desigualdade entre os sexos e os resultados positivos do feminismo no combate do sistema patriarcal, cujo conhecimento é imprescindível na atualidade. O mérito dessa discussão se justifica pela predominância na atualidade desses preceitos opressivos e na continuidade na luta feminina nos tempos atuais. Sobre a metodologia, esta pesquisa valeu-se do método de abordagem dedutivo, método de procedimento analítico, e técnica de pesquisa documental indireta.

Palavras-chave: Dominação masculina. Feminismo. Gênero. Sexo.

Abstract: This scientific article aims to ponder about the existing inequalities between genders, which are linked to stigmatized and dominating concepts. In order to point out and describe the historical narrative about male ideologies of sex and gender, as well as the positive effects of the female revolution to combat and overcome such patriarchal taboos. It starts from an initial study on gender inequality male domination and modern homogenizing discourses to understand the setbacks involving inequality between the sexes and the positive results of feminism in the fight against the patriarchal system, whose knowledge is essential today. The merit of this discussion is justified by the current predominance of these oppressive precepts and the continuity in the women's struggle in current times. Regarding the methodology, this research used the deductive approach method, analytical procedure method, and indirect documentary research technique.

Keywords: Male domination. Feminism. Genre. Sex.

1 INTRODUÇÃO

Com o início da conhecida era moderna, sucederam-se aceleradas e constantes transformações no meio cultural e social, porém, a sociedade contemporânea ainda permanece estruturada na antiga base ideológica, na qual a divisão entre os sexos é compreendida como a “ordem natural das coisas”. É

¹ Bacharel em Direito pelo Centro Universitário FAI – UCEFF. E-mail: larissaheck0@gmail.com

² Mestrado em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Professora do curso de Direito do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga/SC. E-mail: taynara@uceff.edu.br

obscurecido o fato de que as instituições sociais foram e continuam sendo moldadas em discursos estigmatizados, ocasionando, reflexamente, a naturalização das relações de dominação entre os sexos, em que o masculino é o dominante, e o feminino, o dominado.

Incorporou-se a ideologia de que, com as grandes transformações sociais, os antigos conflitos entre os gêneros foram extirpados e superados, alcançando-se a igualdade entre os homens e as mulheres. No entanto, na realidade ocorre que os papéis hierarquizados, idealizados pelo sistema patriarcal, permanecem enraizados como fontes estruturadoras e delimitadoras das entidades sociais atuais. O patriarcado impôs e continua impondo papéis determinados aos indivíduos, com identidades sociais tradicionais, objetivando tornar o corpo feminino um eterno foco de poder e opressão.

No entanto, ao longo do decorrer da história, a mulher começou a romper com o seu silêncio e passividade, almejando se desvincular desses papéis hierarquizados que lhe são impostos. Essas modificações do pensamento feminino são frutos das transformações da sexualidade, a qual deixou de ser uma condição natural que o indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. A sexualidade passa a ser um aspecto maleável do eu, um ponto primário de conexão entre a auto identidade, o corpo e as normas sociais.

Movidas por esses desejos, inicia-se a luta feminista pela sua liberdade e igualdade, dentro de um mundo que sempre pertenceu aos homens. O movimento direciona o seu olhar para a produção, internalização e reprodução da percepção de discriminação e a perpetuação de velhos tabus históricos invisibilizados. É norteado pelo desejo de que seja possível o enfrentamento, de forma efetiva, da desvalorização e desigualdade da mulher, manifesta nas expressões culturais.

2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DE SEXO E GÊNERO

Em análise histórica, constata-se que os seres humanos, desde o início da civilização, almejavam por explicações racionais para si e a natureza que lhe circundava, estímulo que era intrínseco a sua condição humana. Sendo assim, com o início da agricultura e com o posterior advento do patriarcado, o sujeito masculino reivindicou sua posteridade e atribuiu ao sujeito feminino, em especial na procriação,

somente o de papel de responsável de geradora da espécie humana, pois ele possuía o impulso intrínseco de se opor a natureza, se sobrepondo a ela, e assim acreditando que também devia se sobrepor a mulher.

Desenvolveu-se com o desejo de se afirmar como essencial, fazendo da mulher o inessencial, transformando-a em somente objeto. Por isso, historicamente, a mulher foi, por conta de seu sexo, o que o homem decidiu que fosse.³

Inicialmente, a percepção de sexo se estruturou no paradigma de que machos e fêmeas são dois tipos de indivíduos, os quais no interior da espécie se diferenciam em prol da reprodução. As diferenças anatômicas entre os sexos se explicavam, por analogia, na série de oposições mítico-rituais criadas de alto/baixo, quente/frio.⁴

Por meio do prática da atividade sexual, os homens acreditavam definir os sexos e os seus corpos, atribuindo sentido e valor para todas as funções que os seus órgãos sexuais cumprem, o que estava implicitamente ligada a “natureza” de todos os seres vivos, resultando em posições sexuais adequadas, consideradas como normais e que deviam ser seguidas, pautadas na ideologia de que ele “possui, domina”.⁵

Neste aspecto, a biologia foi capaz de constatar a divisão dos sexos, contudo, ocultou que essa explicação biológica se fundava em somente determinismo biológico. A ciência não conseguiu localizar uma explicação racional, comprovada cientificamente, para amparar a alteridade desigual entre os sexos (fêmea inferior, macho superior) na estrutura das células e nas leis da multiplicação celular. Parcela considerável das filosofias antigas adotou essa explicação infundada como correta, sem a pretensão de explicá-la.⁶ Como foi possível constatar em diversas ideologias, como no no pensamento do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, para quem os dois sexos deveriam ser diferentes por natureza: um deve ser o ativo e outro passivo e, naturalmente, a passividade caberá a fêmea.⁷

³ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 28.

⁴ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 27.

⁵ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p 28.

⁶ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p 27.

⁷ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**: Parte I. Tradução de Paulo Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p. 162.

Sob a luz de um contexto ontológico, econômico e social se visou esclarecer os dados da biologia, sobre o sexo e sobre os corpos humanos.⁸ No entanto, ainda se tinha a compreensão de que a mulher, considerando de ser possuidora de ovário e útero, não podia fugir de sua natureza reprodutora, pois era condições singulares que a encerram em sua subjetividade. Já o homem deixou de lado, como uma verdade invisibilizada, que a sua anatomia humana também comportava hormônios e testículos. Diferentemente, ele encarou o seu corpo como uma relação normal e direta com o mundo, que acreditava compreender em sua objetividade. O corpo da mulher foi considerado sobrecarregado por tudo que a especificava, uma prisão, um obstáculo da natureza.⁹

Pode-se constatar que o determinismo biológico foi a base estrutural da construção do sexo, e também da elaboração da moral sexual, ambas que se explicava conforme a natureza.¹⁰ Ocultava-se que essas explicações naturais foram tão somente obras masculinas, as quais negavam para si mesmos a sua fragilidade humana natural. A natureza era utilizada como objeto para dar sentido as explicações irracionais masculinas.¹¹ Como resultado lógico, médicos e filósofos, analisavam a natureza e viam o sexo como meio de continuidade da reprodução, diante da preocupação humana frente a sua mortalidade.¹²

Essas explicações atribuídas ao sexo eram compreendidas como suficientes para justificar a inferioridade da mulher. O sexo feminino era pejorativo, porque a enraizava na natureza e a prendia ao seu sexo. O homem desejava ter tudo sob o seu poder e domínio, incluindo a natureza, e como muitas vezes, as suas tentativas eram falhas, à viam como inimiga. Pela suposta associação de características familiares que se vislumbrava entre a natureza e a mulher, para o homem, o outro sexo era visto como inimigo.¹³

⁸ MEYER, Dagmar Estermann. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Vilodre Silvana. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um Debate Contemporâneo na Educação**. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 32.

⁹ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 12.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8 ed. São Paulo: Graal, 1985, p. 73.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 35.

¹² BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 29.

¹³ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 24.

Noutro norte, historicamente, o ser humano também foi impulsionado pela aspiração de socialização. Em uma condição social que o homem tentou se determinar e definir o meio que o circundava.¹⁴ Porém, a construção de sexo não está respaldada somente em explicações da “natureza”, mas em uma idealização histórico-cultural, sofrendo influência de uma moral sexual concebida pelo pensamento dos homens dentro de uma sociedade patriarcal.

A moral sexual exigia que o indivíduo se sujeitasse a uma arte de viver, sendo necessário a estipulação de critérios éticos de existência.¹⁵ Essa ideologia fazia referência a princípios universais da natureza, aos quais todos deviam se curvar, da mesma maneira que ao sexo masculino.¹⁶

A partir do limite histórico que surge a compreensão de que a construção biológica dos sexos não é totalmente autônoma em relação ao meio social, surge a expressão “gênero”. Esse termo é compreendido como uma relação entre sujeitos sexuais, socialmente constituídos, um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações culturais¹⁷, contudo, não deve ser concebido apenas como a inscrição cultural de significado num sexo. Inclui-se o aparato de produção por meio do qual os próprios sexos são estabelecidos, é o meio discursivo pelo qual a natureza sexuada é produzida e estabelecida como pré-discursiva. O gênero trata-se da construção cultural dos sexos, deixando marcas nos corpos, eis que está imbuído de fronteiras analíticas que sugerem limites as experiências sexuais discursivamente condicionadas.¹⁸

Mas a construção histórico-cultural de gênero deu-se, na frente da sociedade patriarcal, com finalidade de enfraquecimento e quebra dos mecanismos enraizados nas relações de dominação entre os sexos. O gênero foi pensado como um meio de superação das crenças opressivas que utilizavam o sexo como uma forma de impor o seu poder, mas ocultou-se que ele mesmo foi idealizado dentro de uma sociedade machista, a qual era estruturada na rivalidade entre os sexos.

¹⁴ SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. 4 ed. São Paulo: Autores Associados, 2011, p. 115.

¹⁵ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 25.

¹⁶ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 26.

¹⁷ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Intimidade**. Tradução de Renato Aguiar 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 31.

¹⁸ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Intimidade**. Tradução de Renato Aguiar 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 33.

Sendo assim, foi inevitável que sofresse influência do meio social no qual foi criado, e indiretamente bem como reflexamente, acabou por fortalecer as relações de dominação entre os sexos.¹⁹ Essas novas acentuações se conectavam em relação a certos esforços de moralização, feitos de modo autoritário, pelo ímpeto de poder, pois o homem não desejava perder seus privilégios advindos de sua masculinidade.²⁰

A dominação masculina é uma das raízes ideológicas invisíveis que estão imbuídas no significado de gênero, e reflexamente influenciam a continuidade da constituição das mulheres como objetos simbólicos, cujo ser é um ser-percebido, e tem como efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou seja, de dependência aos homens. Das mulheres é esperado que sejam femininas, sorridentes, delicadas, submissas, contidas, discretas. Essa pretensa feminilidade, inclusa no gênero feminino, às coloca em um grande grau de dependência aos outros, tendendo a se tornar constitutiva de seu ser.²¹

Mas a relação de dominação entre homens e mulheres só é efetiva por conta desta cumplicidade de tendências enraizadas ao gênero, que depende, para a sua perpetuação ou transformação, da conservação das estruturas das quais essas disposições são resultantes. Conforme o meio social vai se transformando, os mecanismos de dominação vão se amoldando, para que não percam o cordão invisível de controle.²² As diferenças biológicas dos sexos ainda são utilizadas como causa justificadora das diferenças sociais imbuídas ao gênero.²³ O liame invisível que conecta o sexo à cultura, e ela ao gênero, são as normas éticas dominantes masculinas.²⁴ A univocidade do sexo, a correlação interna do gênero e a estrutura binária para gênero e sexo são ficções reguladoras que consolidam e naturalizam os regimes de poder convergentes de opressão masculina.²⁵

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 28.

²⁰ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8 ed. São Paulo: Graal, 1985, p. 45.

²¹ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 82.

²² BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Intimidade**. Tradução de Renato Aguiar 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 55.

²³ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 20.

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 27.

²⁵ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Intimidade**. Tradução de Renato Aguiar 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 70.

Por esses motivos, as teorias que se espelham no determinismo biológico continuam conservando o seu condão de influência sobre as relações entre os gêneros, visto que os princípios de dominação continuam enraizados no seio cultural. Reflexamente, as diferenças sociais existentes entre homens e mulheres continuam sendo explicadas biologicamente.²⁶

Essas explicações rasas e opressivas vão assumindo novos contornos a fim de se adaptar as evoluções humanas e não perder seu poder, assumindo a face de racionalidade biológica. Para tanto, o discurso do determinismo biológico ainda se mantém útil, eis que continua determinando as diferentes manifestações culturais opressivas sobre os aparelhos reprodutores.²⁷

Além disso, outro mecanismo de aprisionamento da mulher ao lar e encerramento em sua submissão é a reprodução. Aos homens não é possível obrigar diretamente uma mulher a gerar filhos, o que foi possível fazer somente, foi aprisioná-las dentro de situações que a maternidade seria a única saída, como menciona-se o enclausuramento à propriedade privada. Por esse motivo, as leis e os costumes patriarcais impõem-lhes o casamento, condenam medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio.²⁸ Restou enraizado o pensamento de que o casamento e a reprodução são tendências primitivas e únicas, visando produção de dois efeitos intrínsecos, que é a formação de descendência comum e o companheirismo de vida. Colocou-se como norma moral ética que nada é mais desejável que o casamento.²⁹

As mulheres não tiveram força para se opor aos homens pelo fato de que a sociedade foi sempre predominantemente masculina, ele dominou o espaço público e a aprisionou ao espaço privado. O poder político estava nas mãos dos homens, e por isso, conseqüentemente eles foram os responsáveis pela construção e governo das sociedades, sendo que deste ímpeto de poder, derivou o desejo de governar os corpos femininos.³⁰

²⁶ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 51.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 44.

²⁸ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 76.

²⁹ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8 ed. São Paulo: Graal, 1985, p. 154.

³⁰ SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. 4 ed. São Paulo: Autores Associados, 2011, p. 113.

Para tanto, a feminilidade era medida pela arte de “se fazer pequena”.³¹ As normas éticas sociais impostas pelos primeiros formatos de sociedades, fixavam ao feminino o diminutivo, mantendo as mulheres encerradas em um tipo de cerco invisível bem como limitando o território deixado para o deslocamento e movimento de seus corpos, ao passo em que os homens tomaram lugar maior com seus corpos, principalmente nos locais públicos. Essa espécie de confinamento simbólico permanece sendo assegurada pela família, pelo lar, pelas vestes, e tem por efeito não só dissimular o corpo, como chamá-lo continuamente à ordem, com proibições explícitas, limitando seus movimentos.³²

3 O PAPEL DO FEMINISMO NA QUEBRA DE PARADIGMAS

No desenrolar dos anos, as sociedades vão se expandindo, a vida mundana se desenvolve e a cultura se difunde. O papel imposto as mulheres na sociedade patriarcal já não está mais lhes satisfazendo, elas desejam procurar o seu prazer cada vez mais. O papel da mulher em relação ao outro, como sua sombra, vai perdendo sua força de persuasão e submissão, a hierarquia ética entre os gêneros continua em constante desmoronamento.³³

Elas começam a compreender, por meio da observação e diálogos com outras mulheres, que os seus corpos não bastam para defini-las, e que só têm uma realidade vivida enquanto assumidos pela consciência, por meio de ações e dentro de uma sociedade.³⁴ Neste contexto, desligando-se do seu papel hierarquizado e rompendo com a sua passividade histórica, movidas pelo desejo de domínio sobre seus corpos e prazeres, desabrocha a transformação da intimidade feminina. A vida pessoal das mulheres passa a ser um projeto aberto, com a criação de novas ansiedades e novas

³² BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 40.

³³ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 70.

³⁴ MEYER, Dagmar Estermann. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Vilodre Silvana. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um Debate Contemporâneo na Educação**. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 35.

demandas. Desejam, em um nível mais pessoal, a interrogação, o desenvolvimento de sua sexualidade, pois o mundo feminino deseja se tornar livre.³⁵

Esses novos formatos assumidos pela sexualidade emergiram como uma fonte de redefinição da personalidade, entrelaçadas as novas faces do amor romântico, com ponto de partida nas mudanças das estruturas familiares. A difusão de ideais de amor romântico foi um fator que tendeu à libertação dos vínculos conjugais do modo tradicional, proporcionando um novo significado para as relações interpessoais que ia além dos moldes tradicionais de continuidade da filiação. Relacionamentos interpessoais deixaram de ser vistos como mera fonte de continuidade da vida humana, e passaram a ser percebidos do ponto de vista de relacionamentos afetivos recíprocos. O lar, converteu-se em um local onde as mulheres também desejam a espera de apoio emocional de seus companheiros.³⁶

Com a elaboração adicional de novas tecnologias de reprodução, a diferenciação entre sexo e reprodução se tornou completa, por isso, desde o momento em que a concepção pode ser artificialmente produzida, a sexualidade fica plenamente autônoma, visto que a reprodução pode ocorrer sem atividade sexual. Com a libertação das exigências da reprodução, as mulheres se sentem livres para buscar o seu prazer sexual independente, saindo de seu antigo papel passivo e reprodutor na sexualidade. Desponta a libertação final para a sexualidade feminina das amarras histórico-culturais.³⁷

Abre-se espaço para novas formas de pensamentos, novas expectativas desde o momento em que as mulheres foram suficientemente liberadas das exigências da reprodução e conseqüentemente, os vínculos opressivos que as ligavam aos seus parceiros foram se enfraquecendo. Os relacionamentos passam a ser movidos por outros anseios, atribuindo novos sentidos ao amor.³⁸ Os ideais de romance e de relacionamento assumiram novos termos no mundo feminino, contribuindo para

³⁵ GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 18.

³⁶ GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 36.

³⁷ BECK, Ulrich. BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **O Caos Totalmente Normal do Amor**. Tradução de Fernanda Romero Fernandes Engel e Milton Camargo Mota. Rio de Janeiro: Vozes, 1990, p. 45.

³⁸ GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 52.

mudanças seculares nos seus tratamentos dentro da sociedade, da família, afetando a vida social de todos. No entanto, as novas faces do amor romântico suscitaram as questões da intimidade. A mulher não aceitava mais ser um objeto de prazer, queria não apenas dar afeto, mas também receber carinho e atenção. No amor romântico, o encontro com o outro, passou a ser integrado na orientação característica de “busca”. Essa procura foi uma odisseia em que a auto identidade busca a sua validação a partir da descoberta do outro, possuindo um caráter eminentemente ativo.³⁹

Diante destes fatores interligados, e principalmente, pela ânsia de segurança financeira autônoma, iniciou-se a luta das mulheres pelo desligamento do velho papel de “existir para o outros” e a busca por uma nova identidade social autônoma.⁴⁰ Para os homens, a existência financeira segura e independente desejada por elas não coincidia com sua velha identidade social, especificamente, a identidade de gênero masculina dominante construída e perpetuada historicamente.⁴¹ As mulheres desejavam autonomia e igualdade na sociedade, mas os homens não queriam abrir mão de nenhum dos seus benefícios masculinizados.

Esses conflitos de interesses colocaram em evidência as relações opressivas existentes entre os sexos e, neste contexto de conflito e tensão, nascem os grupos feministas lutando pelo empoderamento feminino, pela liberdade, pela igualdade de direitos e condições. Esse movimento, advindo da união de mulheres insatisfeitas, ficou conhecido popularmente como “feminismo”, o qual provocou drásticas e importantes transformações na sociedade.⁴² Não é possível estabelecer uma exata definição para o que seja feminismo, pois esse termo traduz todo o processo histórico, o qual que possui raízes no passado e é construído no cotidiano, sem um ponto pré-determinado de chegada. Esse movimento surgiu em um momento histórico de extrema intolerância, visando a libertação das mulheres das amarras impostas pelo

³⁹ GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 57.

⁴⁰ GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 23.

⁴¹ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 130.

⁴² HOOKS, Bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luia Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, n. p.

meio social, denunciando a existência e invisibilização de diversas formas de dominação.⁴³

Construído a partir de resistências, derrotas e conquistas que compõe a história feminina, o movimento lutou pela superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, o qual, por meio de protestos de indignação, escancarava verdades ocultadas e negadas, principalmente de que o sexo é político e em torno dele existem relações de poder dominadas pelo ser masculino. Objetivavam, fundamentalmente, romper com os modelos políticos tradicionais (homens versus mulheres).⁴⁴

Esse movimento foi caracterizado pela auto-organização de mulheres, em múltiplas frentes, em grandes ou pequenos grupos, no qual expressavam e compartilhavam as vivências de cada uma delas, criando um vínculo de solidariedade e empatia, sentimentos, que ficou conhecido como “sororidade”.⁴⁵ Todavia, o feminismo não surgiu somente como um movimento organizado, visível publicamente, mas também, nasceu dentro da esfera doméstica, no trabalho, em todas as áreas em que elas almejavam recriar as suas relações interpessoais.⁴⁶

Um das formas de expor as opressões sofridas pelas mulheres foi pela escrita de artigos, jornais, revistas. Durante esse período revolucionário foram publicados muitos escritos sobre a situação das mulheres, abordando temas como o trabalho, a desigualdade legal, a prostituição, a participação política reprimida.⁴⁷ O movimento feminista continua lutando pela superação da ideologia que legitima a diferenciação “natural” de papéis, reivindica a igualdade, em todos os níveis, seja na esfera privada, quanto na esfera pública. Expõe que as nuances de “feminino” e “masculino” são criações culturais e, como tais, são comportamentos ensinados pelos processos de socialização, condicionando os sexos a cumprirem funções sociais específicas e diversas.⁴⁸

⁴³ DAVIS, Angela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018, n. p.

⁴⁴ ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos, n. p.

⁴⁵ HOOKS, Bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luia Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, n. p.

⁴⁶ ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos, n. p.

⁴⁷ HOOKS, Bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luia Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, n. p.

⁴⁸ DAVIS, Angela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018, n. p.

O movimento direciona o seu olhar para a produção, internalização e reprodução da percepção da discriminação e a perpetuação de velhos tabus históricos invisibilizados. Almeja, em síntese, que seja possível o enfrentamento, de forma efetiva, da desvalorização e da desigualdade da mulher, que é manifesta nas expressões culturais. A violência física, moral, psicológica que as mulheres frequentemente são vítimas atualiza, de forma evidente, essa desvalorização, pois a força e a violência são instrumentos de dominação masculina como meio de opressão. Com a perpetuação das diversas formas de opressão, submissão, desvalorização e menosprezo contra as mulheres evidencia-se que a luta deve persistir.⁴⁹

O movimento feminista permanece vivo até os dias atuais, pois sua maior força está na semente do questionamento e da reivindicação que surge pela conscientização das mulheres, tentando transformar suas vidas anônimas, recriar suas relações com o mundo, com os seus companheiros e principalmente, consigo mesmas.⁵⁰ Tantas transformações, por meio da luta feminina contra a discriminação e desigualdade, implicam na recriação de uma identidade própria, superando as hierarquias de ativo e passivo, de forte e fraco.⁵¹

4 CONCLUSÃO

Com o início da era moderna, o conceito de gênero se desvinculou parcialmente da base estrutural do determinismo biológico, o qual preponderou por longo lapso temporal sobre as relações entre os homens e as mulheres. Entretanto, as desigualdades entre masculino e feminino continuaram se perpetuando, tendo em vista a obscuridade acerca do real significado de gênero. Diante de tais incertezas e insatisfações, foi dado ao gênero um caráter fundamentalmente social, sob a análise e confronto com a relação de influência existente com a ordem social.

O gênero envolve uma construção histórico-social, que representa os significados culturais assumidos por um corpo sexuado. O sistema patriarcal impôs e permanece tentando impor aos indivíduos papéis determinados, identidades sociais

⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 67.

⁵⁰ ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos, n. p.

⁵¹ DAVIS, Angela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018, n. p.

tradicionais, sendo que em um longo período, o sexo feminino era voltado unicamente para a reprodução. No entanto, ainda permanece obscuro o fato de que o corpo feminino foi e ainda é dominado e controlado pela moral masculina. Como forma de perpetuação desta cultura de dominação opressiva, as diferenças biológicas entre os sexos continuam sendo utilizadas como motivo de justificação das diferenças sociais imbuídas nas relações entre os gêneros.

Essa distinção opressiva entre os sexos se sucedeu com base em significados culturais e sociais, condões invisíveis do sistema de poder que permanece enraizado na era moderna. Por esse motivo, os conflitos do passado ainda refletem na atualidade, mas com menor força de coerção. Com as transições ocorridas no decorrer dos séculos, as mulheres foram tomando consciência dos padrões e papéis hierarquizados que lhes eram impostos, motivo pelo qual tais bases ideológicas perderam parte da influência sobre os comportamentos.

A revolução da sexualidade feminina e a transformação da intimidade ensejaram o surgimento dos movimentos femininas, grande marco na história de luta contra a dominação masculina, colocando em parcial decadência a hierarquia sexual. O comportamento e pensamento feminino foi se (re) criando, enfraquecendo os meios de dominação masculina sobre o corpo feminino. A reivindicação do prazer feminino se transformou em um elemento basilar da reconstituição da intimidade, contudo, essa luta não está encerrada, havendo muitas crenças à serem superadas, muitos limites a serem ultrapassados.

As relações entre os gêneros, atualmente, permanecem apresentando como ponto de partida o antagonismo inerente ao sistema patriarcal, encontrando-se emaranhadas em uma rede de relações hierarquizadas, profundamente afetadas pelos discursos homogeneizadores. A sociedade moderna ainda está inserida em um dilema não superado concernente ao paradigma metodológico, composto por dois pilares, a ruptura com as raízes ideológicas do determinismo biológico e as relações de gênero enraizadas nas categorias substancializadas de mulher e homem. A luta feminista deve persistir pelo motivo de que a reconstrução de gênero necessita de continuação, e especificamente, se pautar sobre o aspecto social e ideológico, principalmente, as instituições como estado, família, escola, necessitam se desvincular definitivamente das velhas crenças.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A Experiência Viva. Tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BECK, Ulrich. BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **O Caos Totalmente Normal do Amor**. Tradução de Fernanda Romero Fernandes Engel e Milton Camargo Mota. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kunher. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Intimidade. Tradução de Renato Aguiar. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

DAVIS, Angela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: O Cuidado de Si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8 ed. São Paulo: Graal, 1985.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**: Parte I. Tradução de Paulo Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luíza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.